

O ESVAZIAMENTO DA DISCIPLINA NA ESCOLA

GARCIA, Joe - UTP
joe@sul.com.br

DAMKE, Anderléia Sotoriva - FASUL/UNIPAN
sotodamke@yahoo.com.br

Área Temática: Violências e Convivência nas Escolas: Fatores, manifestações e relações sociais no espaço.

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo relativo aos estudos sobre convivência e indisciplina, onde analisamos a questão do esvaziamento da disciplina na escola. O texto aqui apresentado explora algumas questões surgidas ao longo de um processo de formação desenvolvido com professores da rede pública municipal de Ensino Fundamental, de um município da região Oeste do Paraná, utilizando grupos de reflexão sobre questões tais como o conceito de indisciplina, suas causas e implicações para as práticas de regulação exercidas nas escolas. O texto inicia explorando algumas questões sobre convivência e indisciplina na escola. A seguir, analisamos algumas percepções fornecidas pelos professores em relação ao exercício de determinadas práticas disciplinares, focalizando suas derivações e implicações para o esvaziamento da disciplina na escola. Com essa finalidade, consideramos algumas atitudes e estratégias disciplinares mencionadas pelos professores, destacando, em particularmente, o uso punitivo do livro de registro de ocorrências. Na terceira parte deste trabalho apresentamos uma análise sugerindo que as questões discutidas sinalizam um esvaziamento da disciplina na escola. Também argumentamos quanto à necessidade de repensar tais práticas no contexto de uma convivência necessária para que o ambiente escolar possa ser um ambiente formativo. Ao final, apresentamos algumas observações que destacam o esgotamento de alguns mecanismos de regulação praticados pelos professores, e suas implicações para o processo de esvaziamento da disciplina na escola. Argumentamos sobre a necessidade de repensar e superar tais práticas, tendo em vista avançar na direção de novos entendimentos do papel da escola e dos educadores, bem como de visões e práticas pedagógicas mais democráticas e emancipatórias.

Palavras-chave: Educação; Disciplina; Convivência; Práticas Pedagógicas.

Introdução

Os estudos sobre convivência na escola têm avançado em diversos países, incluindo o Brasil (DEBARBIEUX e BLAYA, 2002; ABRAMOVAY e RUA, 2004). Uma das principais fontes de motivação para esse avanço, entretanto, reside na intensidade e complexidade dos problemas de convivência que as escolas vêm

experimentando. Tal como ocorre em relação a diversas outras questões relacionadas à escola, o debate sobre os problemas de convivência vem se destacando na literatura educacional à medida em que se intensifica a crise que eles representam.

Neste trabalho analisamos um conjunto de questões relacionadas a uma das principais fontes de crise na convivência nas escolas, segundo os educadores: a indisciplina. As análises aqui desenvolvidas estabelecem um diálogo teórico com um conjunto de dados fornecidos por professores de Ensino Fundamental, ao longo de um processo de formação utilizando grupos de reflexão. No centro da leitura de pesquisa aqui apresentada, destacamos a questão do esvaziamento da disciplina na escola.

O processo formativo desenvolvido junto aos professores, contexto do qual foram obtidos dados de pesquisa aqui discutidos, envolveu um trabalho com grupos de estudos, ao longo de três meses, tendo por objetivo discutir conceitos de indisciplina, suas causas e implicações para o contexto escolar, bem como seus reflexos sobre as práticas adotadas por aqueles educadores. Os participantes desse processo de formação atuavam na rede pública de Ensino Fundamental, de um município de pequeno porte, localizado na região este do Estado do Paraná. Ao todo participaram 105 professores, provenientes de dez escolas diferentes, cada qual originando um dos dez grupos de estudos aqui referidos.

O texto a seguir está organizado da seguinte forma. Inicialmente exploramos algumas questões sobre convivência e indisciplina na escola. Na seção seguinte, analisamos algumas percepções fornecidas pelos professores em relação ao exercício de determinadas práticas disciplinares, focalizando suas derivações e implicações para o esvaziamento da disciplina na escola. A esse propósito, consideramos algumas atitudes e estratégias disciplinares mencionadas pelos professores, destacando, em particularmente, o uso punitivo do livro de registro de ocorrências.

Na terceira parte deste trabalho apresentamos uma análise sugerindo que as questões discutidas sinalizam um esgotamento de alguns mecanismos de regulação da cultura escolar, tais como o livro de ocorrências e as sanções disciplinares usadas pelos professores. Também argumentamos quanto à necessidade de repensar tais práticas no contexto de uma convivência necessária para que o ambiente escolar possa ser um ambiente formativo.

Ao final, apresentamos algumas observações a propósito do esgotamento de alguns mecanismos de regulação praticados pelos professores, e suas implicações para o processo de esvaziamento da disciplina na escola. Argumentamos sobre a necessidade maior investigação sobre das questões relacionadas à convivência e indisciplina nas escolas, tendo em vista superar não somente as práticas ali exercidas, mas sobretudo as racionalidades que as informam.

2 Convivência e Indisciplina na Escola

Nesta primeira seção analisamos um conjunto de questões relacionadas aos problemas de convivência e indisciplina na escola. A finalidade aqui é destacar a possibilidade de esvaziamento produzidos pelos esquemas de controle e regulação exercidos nas escolas, particularmente em relação à disciplina ali desejada.

Os problemas de convivência nas escolas englobam uma diversidade de expressões e implicações. Dentre os problemas que têm sido mais destacados no campo educacional, nas últimas duas décadas, poderíamos mencionar a violência e os problemas de indisciplina escolar.

A literatura educacional relaciona diferentes implicações para os problemas de convivência no ambiente escolar, dentre as quais aqui estaremos destacando apenas algumas. Talvez a implicação mais visível seja a modificação do ambiente da escola, com seus reflexos sobre as relações interpessoais, sentimento de segurança e aprendizagem (ABRAMOVAY e RUA, 2004; BLAYA, 2002). Também podemos destacar a influência que os problemas de convivência exercem sobre a motivação dos alunos para estudar ou simplesmente freqüentar a escola (AMADO, 2001; ABRAMOVAY e RUA, 2004). Um outro aspecto a considerar, devido à amplitude de suas implicações, refere-se aos impactos que os problemas de convivência exercem sobre o currículo escolar (ENNIS, 1996).

Dentre os diversos problemas de convivência observados na escola, este trabalho deseja destacar as questões de indisciplina. As expressões de indisciplina não constituem algo de novo no contexto escolar. De fato, as preocupações dos educadores brasileiros em relação a esse tema tem sido registrado há décadas, conforme registrado em investigação educacional (GODINHO LIMA, 1999). Entretanto, nas últimas décadas as questões de indisciplina vêm se destacando entre as preocupações dos

educadores, em diversos países (ESTRELA, 2002; FURLAN, 1998). Se de um lado os eventos de indisciplina têm se intensificado nas escolas, suas expressões também se revelam mais complexas. Em complemento, observa-se que o próprio entendimento do que seja indisciplina tem se modificado entre os educadores.

A literatura educacional registra uma pluralidade considerável de sentidos atribuídos à noção de indisciplina, bem como diferentes apreciações em relação as suas causas. A esse propósito é interessante observar que a distinção quanto às causas dos problemas de indisciplina flutuam em relação aos sujeitos ouvidos. Os educadores, por exemplo, tendem a destacar a responsabilidade da família em relação aos problemas com os quais se defrontam na escola.

Neste artigo exploramos a noção de que a indisciplina é algo socialmente construído nas escolas e representa uma ruptura no contrato social da aprendizagem (GARCIA, 2005, p. 88). Aqui recorreremos também à perspectiva sugerida por Prairat (2004) de que as práticas disciplinares refletem entendimentos sobre o papel dos educadores e quanto ao próprio projeto educativo da escola.

Há várias forças que atuam no processo social de construção da indisciplina na escola. Aqui desejamos destacar a importância dos esquemas de regulação e práticas de controle social exercidos pelos educadores tendo em vista produzir disciplina. Tais mecanismos atribuem e orientam papéis a serem exercidos pelos professores, seja em relação à tarefa de trabalhar a disciplina dos alunos, ou de lidar com os eventos de indisciplina em sala de aula.

É importante destacar que os esquemas de regulação e práticas de controle social exercidos pelos educadores, com a finalidade de produzir disciplina, são capazes de resultar contextos e desdobramentos nem sempre desejados. Tais mecanismos, embora planejados tendo em vista obter determinadas respostas entre os alunos, podem impedir ou mesmo neutralizar a disciplina desejada, e influir ativamente na construção das indisciplinas observadas naquele contexto. Este cenário exemplifica o que se poderia denominar de esvaziamento da disciplina na escola, questão central neste trabalho.

A escola é um espaço de reprodução e elaboração cultural onde podemos observar a presença de visões e práticas nem sempre compartilhadas pelo conjunto de sujeitos que compõe sua comunidade. Essa heterogeneidade de posições também se refere a disciplina e indisciplina. Este é o caso quando os professores exercem práticas

disciplinares desconectados de uma visão compartilhada na escola, ou quando recorrem a encaminhamentos cujos processos e resultados contrastam com as linhas do projeto educativo da escola.

A perspectiva acima descreve um cenário possível nas escolas, onde iríamos observar um processo de esvaziamento dos esforços e resultados relativos à produção de disciplina, com impacto sobre o trabalho educativo da escola. De um modo inverso, o esvaziamento da proposta educativa implica conseqüências sobre a qualidade das experiências de socialização na escola, abrindo brechas para os problemas de convivência na escola (CAMACHO, 2001).

Tendo em mente explorar tais questões, na próxima seção analisamos algumas percepções fornecidas por um grupo de professores em relação ao exercício de determinadas práticas disciplinares na escola.

3 Analisando o Esvaziamento das Práticas Disciplinares nas Escolas

Nesta seção destacamos e analisamos um conjunto de percepções fornecidas pelos professores ouvidos, em relação a alguns esquemas de controle e regulação, focalizando suas derivações e implicações para o esvaziamento da disciplina na escola. O centro das análises aqui apresentadas reside nem tanto naquilo que os professores pensam sobre disciplina, mas em suas percepções sobre os desdobramentos de determinados esquemas de regulação e controle exercidos nas escolas.

Iniciamos com alguns dados gerais. Os professores aqui considerados atuam na rede pública municipal de Ensino Fundamental de um município do Estado do Paraná. Suas visões sobre disciplina e indisciplina foram ouvidas ao longo de um processo de formação continuada, desenvolvido através de grupos de estudos, cujo tema central foi a indisciplina na escola. Ao total, este trabalho envolveu 105 professores oriundos de 10 escolas participantes. Os encontros ocorreram durante três meses, ao longo dos quais foram realizadas discussões envolvendo o conceito de indisciplina, suas causas, expressões e implicações para o contexto escolar. As reflexões desenvolvidas também englobaram os instrumentos e esquemas disciplinares utilizados nas escolas.

Inicialmente é interessante destacar que durante os encontros, embora os professores tenham apresentado o desejo de verem resolvidos os problemas de indisciplina, também manifestaram uma preocupação, de um modo nem sempre

explícito, de resolver tais situações de modo isolado em relação ao coletivo da escola; como se a tarefa de lidar com a indisciplina fosse uma responsabilidade relativa apenas a eles.

Esse cenário engloba diversas questões a considerar. De um lado, inferimos a possível ausência de uma perspectiva compartilhada na escola, capaz de fornecer linhas de ação, responsabilidades e sobretudo uma visão pedagógica sobre disciplina. Também é importante destacar que as preocupações dos professores, em relação à disciplina, usualmente derivam de encontros com eventos de indisciplina, os quais poderiam resultar da ausência de atitudes pró-ativas.

A preocupação dos professores, centradas em práticas reativas individuais, talvez decorra do entendimento tradicional de que disciplina é algo particularmente relacionado a esquemas de domínio de classe, ou que estaria atrelado sobretudo a um exercício de autoridade docente. Tais posições, entretanto, podem resultar em práticas capazes de fragmentar o trabalho coletivo e esvaziar a disciplina desejada de início. Também é interessante considerar que a atitude destacada acima pode refletir alguma forma de resistência entre os professores em relação a construir ou reproduzir orientações e esquemas institucionais.

Outro aspecto a destacar refere-se à dificuldade de muitos professores quanto a compartilhar com os colegas suas experiências e inquietações relacionadas à indisciplina. Isso talvez nos informe sobre o cuidado dos professores quanto à imagem profissional. Particularmente quando os professores assumem que a disciplina em sala de aula é sua responsabilidade individual e que os resultados obtidos junto aos alunos reflete sua autoridade e competência profissional, haveria certa reserva em compartilhar suas dificuldades e angústias, e buscar, através da reflexão coletiva, alternativas possíveis para lidar com os problemas de indisciplina. Outra leitura possível seria de que a reserva dos professores poderia refletir uma distância entre suas práticas disciplinares em sala de aula, e as orientações formais da escola onde atuam.

Uma terceira questão a destacar neste trabalho refere-se a utilização do chamado "livro de ocorrências", como instrumento disciplinar das escolas. As práticas disciplinares de professores em sala de aula, exercidas muitas vezes em meio a cotidianos tumultuados, englobam diferentes mecanismos e instrumentos de vigilância e controle. Em muitos casos tais medidas atendem a orientações institucionais

burocráticas que supostamente visam disciplina. Este é o caso da utilização do chamado livro de ocorrências nas escolas.

O livro de ocorrências constitui um instrumento disciplinar bastante tradicional, cuja utilização é registrada há décadas em escolas brasileiras. Embora presentes em instituições que assumem diferentes projetos educativos, estão comumente atrelados a uma lógica disciplinar baseada em vigilância (RATTO, 2007). Embora largamente utilizados, os livros de ocorrências representam uma orientação pedagógica comportamentalista, que já deveríamos ter superado nas escolas. Sua utilização, baseada em uma lógica de vigilância, esvazia a dimensão formativa que permitiria outras visões sobre disciplina.

Ao longo de algumas discussões sobre eventos de indisciplina nas escolas, os professores analisaram a utilização nem sempre eficaz do livro de ocorrências. Um dos professores declarou que certas atitudes e práticas na escola persistem sendo utilizadas devido a ausência de momentos de reflexão, ou porque são naturalizadas como parte inerente ao trabalho docente. Também se argumentou, ao final de uma discussão, que algumas estratégias disciplinares, tais como excluir o aluno da sala de aula, ou fazê-lo assinar o livro de ocorrências, não funcionam mais. Entretanto, porque as escolas, e portanto os professores, persistem exercendo tais práticas?

Parte da resposta reside na relação entre os professores e a cultura institucional. Os professores muitas vezes exercem práticas já instituídas no cotidiano escolar, reproduzindo determinadas disposições culturais dos estabelecimentos onde atuam. Isso incluiria a utilização de diferentes esquemas disciplinares bem como diversos tipos de "penalizações". A propósito das "penalizações" mais drásticas utilizadas nas escolas, os professores mencionaram exemplos tais como: mandar o aluno para fora da sala de aula, "isolar o aluno dos colegas", "deixar o aluno sem intervalo [recreio]", "retirar o aluno da aula de Educação Física", ou fazê-lo "assinar o livro de ocorrências".

As discussões sobre os encaminhamentos acima resultaram em dúvidas sobre se tais medidas estariam ajudando a reduzir a indisciplina na escola, ou fomentando mais ainda suas expressões. Como resultado, a percepção de que tais medidas seriam apenas paliativas, e sua utilização repetida estaria apenas afirmando sua pouca eficácia. De fato, as observações realizadas junto aos professores sugerem que a efetividade dessas práticas disciplinares não costuma ser avaliada em relação aos resultados supostamente

desejados. Assim, embora muitas escolas persistam recorrendo a esse tipo de protocolo, os professores reconhecem o esvaziamento que isso promove em seus esforços por obter disciplina.

Particularmente em relação aos livros de ocorrências, seria importante avançar a discussão sobre a lógica disciplinar subjacente a sua utilização, e repensar as finalidades punitivas que lhes são atribuídas. Tal como sugeriram alguns professores, assinar o livro de ocorrências, ou o "livro negro", é uma forma de "confissão obrigatória"; um ato forçado com resultados inexpressivos em termos de mudança comportamental. Essa percepção foi bem articulada por Fernandes (2001, p. 11):

O mais problemático é o fato de que, do registro e penalização de tais atos, não brotam novos discursos, tornando-se, os mesmos, repetitivos, e gerando desalento, falta de expectativa, desinteresse, temor, revolta, tanto por parte de alunos quanto de professores. Esses sentimentos construídos em função da falta do elemento crítico na consideração do problema disciplinar são, em si mesmos, fortes fatores de engendramento de mais indisciplina.

É necessário, portanto, repensar a utilização desse tipo de prática nas escolas, considerando não somente a adequação de suas racionalidades ao momento atual, mas também suas conseqüências, pois, nos dois casos, parece sugerir um esvaziamento da disciplina que se deseja obter.

Uma última questão a considerar aqui, refere-se ao estatuto de algumas estratégias que os professores utilizam em sala de aula – as quais nem sempre são conhecidas ou legitimadas pela escola. Em meio as discussões nos grupos, essa questão surgiu através de observações quanto a procedimentos adotados em situações de indisciplina, por alguns colegas de uma mesma escola, mas não comunicados ou socializados.

Essa condição de anonimato de alguns procedimentos praticados por professores foi analisada como resultante de um possível receio quanto a tais medidas serem interpretadas pelos pares como indicativo de uma falta de domínio em sala de aula. Novamente, há um distanciamento e esvaziamento implicados nas práticas exercidas pelos professores.

Tais procedimentos se distinguiriam daqueles previstos ou orientados pela escola, e cumpririam uma função momentânea em sala de aula. Em parte isso poderia refletir um distanciamento da cultura institucional, pois tais procedimentos não teriam

sido decididos coletivamente. Entretanto, poderia representar uma ruptura em relação a essa mesma cultura. De qualquer forma, sinalizam um possível esvaziamento de visões e ações formalmente estabelecidas na escola a respeito de disciplina. Devemos, pois, investigá-las, pois representam uma ruptura a considerar, necessária, seja no processo de repensar práticas tradicionais, ou quando desejamos avançar em direção ao novo.

4 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho analisamos um conjunto de questões relacionadas às práticas disciplinares na escola, com base em visões fornecidas por professores de Ensino Fundamental. Aqui, desejamos apenas destacar algumas observações derivadas das reflexões desenvolvidas.

Argumentamos que determinados esquemas e instrumentos disciplinares utilizados nas escolas, aqui analisados, precisam ser revistos na medida em que estariam promovendo um esvaziamento daquela mesma disciplina desejada pelos professores.

Em nossa análise destacamos que as práticas disciplinares exercidas pelos professores, refletem a ausência de uma perspectiva compartilhada e até mesmo atitudes de isolamento em relação aos pares. Argumentamos que pouca uniformidade nas ações dos professores pode resultar da ausência de uma base de referência comum que oriente suas decisões e práticas em sala de aula. Assim, estaria ocorrendo um esvaziamento não somente nas ações, mas nas visões que supostamente as orientam. Também destacamos a dificuldade de muitos professores par compartilhar suas experiências e inquietações relacionadas à indisciplina, e da possível distância entre suas práticas em sala de aula e as orientações formais das escolas onde atuam.

Uma outra questão destacada, a utilização do livro de ocorrências, resultou em análises sobre persistente manutenção de uma lógica de vigilância nas escolas, que esvazia a dimensão formativa e visões emancipatórias relacionadas a disciplina. Ao final consideramos a condição de anonimato de algumas práticas disciplinares exercidas pelos professores, que apontam outros aspectos do esvaziamento da disciplina na escola.

Em seu conjunto, as questões aqui consideradas sinalizam um possível esvaziamento de visões e ações formalmente estabelecidas na escola, a respeito de disciplina. São questões a serem melhor investigadas, pois sugerem diversas implicações a considerar. Nesse sentido, sugerimos que os problemas de convivência

precisam ser investigados como fontes de visões de superação de esquemas e racionalidades que parecem esgotados nas escolas. E, no caso de determinados mecanismos disciplinares utilizados no âmbito escolar, devemos considerar também o quanto podem resultar na fragmentação do próprio projeto educativo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, A. **Violências nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, 2004.
- AMADO, J. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: ASA, 2001.
- BLAYA, C. Clima escolar e violência nos sistemas de ensino secundário da França e Inglaterra. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 225-250.
- CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001.
- DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ENNIS, C. When avoiding confrontation leads to avoiding content: disruptive students' impact on curriculum. **Journal of Curriculum and Supervision**, Alexandria, v. 11, n. 2, p. 145-162, Winter 1996.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto: 2002.
- FERNANDES, A. C. Um estudo sobre o engendramento da indisciplina no cotidiano escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, 2001. Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2001. p. 1-16.
- FURLAN, A. Introduction to the open file. **Prospects**, Brussels, v. XXVIII, n. 4, December 1998. (Open File: The Control of Discipline in the Schools).
- GARCIA, J. A construção social da indisciplina na escola. In: SEMINÁRIO DE INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 1, 2005. Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTP, 2005. p. 87-93.
- GODINHO LIMA, Ana Laura. **De como ensinar o aluno a obedecer (um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965)**. 198 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- RATTO, A. L. Disciplina, vigilância e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 481-510, maio/ago. 2007.